

EDITORIAL

Não nos resta dúvida que estamos em meio a uma fase prolongada de transição. Em verdade, parece que a transitoriedade, a mudança contínua e prolongada, se transformou no grande signo destes tempos. Até bem pouco se estudava somente o passado para jogar luzes no entendimento do presente, mas agora a reflexão sobre o futuro é também indubitavelmente necessária para compreendermos os fenômenos do hoje. E como o futuro ainda “não é”, por vezes temos de nos fundamentar em previsões e predições daqueles que, com base em estudos do passado e do presente, constroem ou construíram cenários daquilo que ainda vai ser. Daí a importância de Marshall McLuhan, Alvin Tofler e outros grandes pensadores, somando-se vários escritores de ficção científica, que anteciparam fenômenos que neste agora já estão encarnados nos nossos costumes, em nossas maneiras de ser, de fazer e de pensar.

De fato, as novas mídias, tecnologias e linguagens, que nos ampliam e nos prolongam cada vez mais, impactam não apenas áreas específicas para as quais foram criadas, mas o sistema social inteiro, esparramando-se velozmente e fazendo incessantes interpelações para novas aprendizagens. Parece que ninguém é capaz de ficar imune a esse processo mesmo porque na aldeia global as transformações muitas vezes ocorrem em questão de horas, às vezes em questão de minutos ou de segundos. Daí que a antevisão, o olhar prospectivo, a articulação inteligente e sensível da realidade se coloquem como competências fundamentais para a sobrevivência e a convivência na sociedade da informação e do conhecimento. Certamente que valores como flexibilidade, tolerância à ambiguidade, diálogo, humildade (diante das complexidades), abertura, etc. conformam o anteparo ou o sustentáculo atitudinal para lidar com a vida em diferentes dimensões dentro do tempo veloz destes tempos.

E para evitar a fragmentação ou parcelarização dos fenômenos, gerando uma ótica reduzida/distorcida dos mesmos, a *interdisciplinaridade*, tomada aqui como convergência de conhecimentos a partir de variadas fontes, se coloca como fundamental. Juntar o disperso

no horizonte da compreensão contextualizada e holística dos fatos da cultura e da ciência se impõe como uma necessidade vital nas esferas da educação e da produção do conhecimento. A descoberta ou estudo das “dobras” da realidade através da análise crítica e o seu rejuntamento - ou síntese - em novos cenários de conhecimento, representativos de níveis mais sofisticados de cognição, se colocam como processos parceiros da interdisciplinaridade e das condutas que objetivamente simbolizam os atos de ensinar e de aprender em tempo presente.

Este novo número da PROFESSARE deve ser abordado com a ótica interdisciplinar acima descrita de modo a possibilitar o usufruto que simboliza a expectativa dos seus editores. Destacar as ideias dos múltiplos artigos - e, dentro desses artigos, de mais ideias articuladas a partir de várias fontes - e retencê-las no horizonte da atualização, do estudo, da pesquisa ou qualquer outra finalidade perseguida pelo leitor. Vale dizer que os trabalhos selecionados para compor as diferentes seções deste periódico não perdem nunca de vista o rigor e a excelência, visto que o objetivo maior é somar conhecimentos para que a transformação, para melhor, da vida dos brasileiros não seja uma utopia, mas um fato concreto. Uma “vista do alto” dos trabalhos aqui apresentados poderá talvez servir como estímulo à leitura saborosa do menu e dos sabores-saberes oferecidos.

De entrada, Affonso Romano de Sant’Anna, autor do perene poema “Que país é esse?”, fala da sua experiência como escritor e professor, além de relatar as suas visões/posições a respeito da realidade brasileira do presente. Ver e entender o mundo pelas retinas dos poetas fazem parte das descobertas que nós professores e pesquisadores temos sempre de fazer. E Affonso ainda nos brinda com uma seleção de poemas ao final da entrevista.

Da poesia para a história, saltamos para o artigo de José Carlos Radin e Ademir Miguel Salini, “O Instituto Nacional do Pinho e a indústria madeireira do oeste catarinense”. Aqui se revela, a partir de um estudo rigoroso de diferentes fontes, os processos de extração da madeira no estado de Santa Catarina. Os retrocessos, as paradas e os avanços até que se conseguisse instaurar o bom-senso nos movimentos dos machados, serrotes e serras. Este texto é um marco para se compreender uma das vertentes que serviram ao desenvolvimento do nosso estado.

Da história para o direito, Daniele Prates Pereira, em trabalho intitulado “Supremo Tribunal Federal em processo de midiaticização: a busca da felicidade como elemento justificador de decisões”, mostra como as decisões judiciais não estão isentas da espetacularização midiática e como um novo elemento (a busca da felicidade) vem sendo cada vez mais utilizado como pressuposto para justificar os julgamentos dos altos juízes.

Do direito para a administração, Nelson Colossi e Joel Haroldo Baade refletem criticamente sobre o binômio crise-mudança e os seus efeitos na gestão universitária. A postura assumida pelos autores no artigo “Crise e mudança: significado para a gestão universitária” é produtiva mesmo porque assume a crise e o conflito como fatores positivos e provocadores de mudanças através das ações dos personagens responsáveis pela condução das políticas universitárias.

Da administração para o trabalho, em “A educação profissionalizante no Brasil e em Santa Catarina...”, Sonia Schappo Imhof, Maria de Lourdes Pinto de Almeida, Isabela Toscan Mitterer e Maritania Ferrazzo Minuscoli retomam a evolução histórica da escola profissional no contexto brasileiro, focando o Estado de Santa Catarina e, dentro IFC de Ibirama. Um trabalho rigoroso em termos de análise de fontes - uma análise que põe a nu as mazelas e as contradições da formação profissional em nosso país.

Do trabalho para a filosofia, estabelecendo uma proposta deveras interessante e oportuna, Cristiane Ricardo Teixeira e Mariangela Kraemer Lenz Zied desenham horizontes para o encaminhamento do ensino de filosofia junto a crianças. Uma necessidade premente no Brasil de hoje, na medida em que temos de meditar sobre a nossa realidade, encontrando, pela reflexão, caminhos de superação para os muitos problemas - entre os quais, os éticos e morais - que parecem ter se sedimentado nas estruturas sociais, muitas vezes bloqueando ou atrasando o exercício concreto da cidadania.

Da filosofia para a arquitetura e organização do espaço, Circe Mara Marques e Vera Lúcia da Silva, em “A criança como protagonista na organização do espaço na educação infantil”, acendem luzes para um entendimento objetivo e seguro a respeito de como devem ser organizadas as salas ambientes para a efetivação da educação

infantil. E mais: a invés de um espaço planejado de fora para dentro, as autoras propõem que o mesmo seja organizado e concretizado democraticamente pelo professor e crianças, oportunizando usos consequentes, prazerosos, participativos e dinâmicos para as práticas de interação. O leitor, se quiser, poderá saltar daqui para a leitura das duas resenhas finais da revista, que, diretamente ou indiretamente, tratam de temática relacionada à educação infantil.

Da arquitetura para a arte da dança, em “Práticas pedagógicas na educação física: cooperando e dançando de mãos dadas, buscando a inclusão escolar”, Vinicius Carlos de Oliveira e Julianne Fischer mostram como as danças populares sagradas podem ser benéficas para unir as crianças através de movimentos - movimentos que expressam sentimentos e virtudes, contribuindo para com o a seu aprimoramento emocional e refinamento espiritual, além de assentar, no seio do grupo, o sentido da inclusão e da comunhão de propósitos.

Da dança para a Física, e finalizando a seção de artigos, temos uma preciosidade de texto escrito por Fernando de Candido Pereira, nos contando, de forma descontraída e prazerosa de ler, um pouco da história da Física, sinalizando as estagnações e os avanços dos seus fundamentos, conceitos e princípios ao longo dos séculos.

Retomando um trecho do poema “Consoada”, de Manoel Bandeira, o leitor curioso e indagador certamente encontrará neste número de PROFESSARE

“[...] lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar”.¹

Fica a nossa esperança de que esse leitor entre na casa, saboreie os artigos provenientes de diferentes regiões do conhecimento e, o mais importante, crie novas ideias, novas pesquisas e se transforme positivamente nesse processo.

Ezequiel Theodoro da Silva - Editor Associado
Ludimar Pegoraro - Editor

1 Manuel Bandeira. Consoada. In: **Bandeira de bolso**: uma Antologia Poética. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.